

A Europeização do Mundo

Abdallah Saaf

Enquanto a Europa se ocupa com o seu alargamento, com a sua complexa construção interna, o que faz a não-Europa? O que fazem os que "ficam de fora", apesar de estarem ali mesmo ao lado? Que influências sofrem e de que forma são "arrastados" no processo?

Ultrapassando sucessivos obstáculos, a Europa avança, dando passos significativos, na sua caminhada inelutável no sentido de uma integração lenta, frequentemente alvo de discussões apaixonadas, mas praticamente assegurada. Porém, o que faz a não-Europa face à Europa em construção? O que fazem os países bárbaros, esse limbo constituído pelos espaços exteriores à Europa? Karl Wittfogel, no seu livro clássico - *O Despotismo Oriental* - caracterizava o mundo fora da Europa pela escassez de água, que obrigava à realização de grandes trabalhos hidráulicos, que implicavam a existência de um poder central com uma tal força que acabava por o tornar inevitavelmente mais poderoso do que a sociedade da qual emerge. Hoje em dia, o que é que define a não-Europa? A resposta pode ser dada a quatros níveis:

1.

Anteriormente, há apenas alguns anos, nós, os não-europeus, que aspirávamos a ser tão europeus quanto nos fosse possível, tínhamos como objectivo iniciar um processo de liberalização, de expansão dos espaços de liberdade, e, como fim último, levar a cabo uma plena democratização... A este respeito recordo-me da minha primeira participação numa conferência organizada pelo IEEI, em 1984, em Lisboa. No convívio que então tive com alguns políticos e jornalistas, eu observava com atenção a evolução da experiência democrática portuguesa. Após sucessivas eleições ela parecia, na opinião de todos, como tendo alcançado avanços rápidos e claros.

Na época, nós também acompanhávamos com particular atenção a evolução da situação em Espanha, que evoluía também com grande rapidez. Sob os nossos olhos, a região que Marx e Engels haviam classificado como a "Ásia da Europa" acelerava o seu processo de europeização, que constitui uma variante do que Max Weber designou de processo de racionalização do mundo. Podemos portanto considerar como sinónima desta última expressão, precisamente o conceito de europeização do mundo.

Nós, que partíamos bem mais de trás, armados com as nossas palavras de ordem de "liberalização" e "democratização", encontramos hoje a braços com um problema novo: como gerir a expansão das liberdades que ganha ímpeto entre nós? Inesperadamente, desde há dois anos, deu-se uma aceleração da história entre nós. A Europa está ausente desta nossa evolução? Os processos espanhol e português não nos terão influenciado, ainda que indirectamente? Não teriam estes dois países, um puro produto da "europeização" do mundo, participado, por sua vez, na nosso próprio processo de "europeização"?

2.

Nos numerosos encontros em que participei em Lisboa, a questão da religião estava sempre no centro das nossas discussões de fundo: a religião em geral, os valores judaico-cristãos, o Islão, e em particular os integristas, e a questão da sociedade civil. Recordo-me sempre da afirmação de um desses peritos na definição do carácter europeu, que tinha declarado solenemente, a dado momento, a respeito

da Turquia: "Esse é um país demasiadamente muçulmano para poder integrar a Europa". Não se tratava de uma manifestação de vulgar racismo. Mas antes de uma análise estratégica, que partia de uma diferença cultural estrutural a que não podemos negar realidade objectiva.

No entanto, trata-se também de uma análise que amplifica o lugar e o papel do Islão nestas questões. Na verdade, podemos interrogar-nos se o fluxo e refluxo dos fundamentalismos, as variáveis e desiguais vagas do Islão radical, marcadas por uma religiosidade muito intensa, não acabam por nos surgir, no longo prazo, como a consequência de uma situação de transição para o político das nossas sociedades não-europeias, no quadro da dialéctica despolitização-politização. Como também podemos colocar a questão de saber, até que ponto o invólucro do Islão não esconde uma profunda influência da Europa.

3.

Todos nós nos continuamos a no nosso caso, o-identificar pelas nossas filiações históricas tradicionais Magrebe, o mundo árabe, o mundo islâmico. Estas referências fazem parte da nossa identidade. Não são simplesmente o resultado de qualquer gestão da nossa posição externa, a nível regional ou internacional, e dos reflexos da mesma a nível interno. No entanto, não considero que haja qualquer contradição entre estes aspectos e a opção europeia aparentemente partilhada pela grande maioria das nossas elites. Tanto mais que nos empenhávamos em discutir com a Europa a paridade dos termos de troca, em analisar o equilíbrio entre prestações e subvenções, que procurávamos subsídios e negociávamos apoios. Desenvolvíamos atitudes com vista a maximizar os ganhos e a minimizar as eventuais perdas.

Não vejo, em todo o caso, incompatibilidade ou oposição entre a procura da unidade do Grande Magrebe, da unidade do mundo árabe, e de uma maior solidariedade no mundo islâmico e o desejo de construir uma ligação mais forte com a Europa. Estas realidades, seja enquanto marcos identitários seja enquanto marcos de solidariedade, nunca constituíram alternativas à Europa, tanto mais que as margens norte e sul do Mediterrâneo se empenham em encontrar espaços de "cooperação", de aliança, de sobreposição de interesses, de mútuo benefício...

4.

Durante a última década não temos parado de inventar numerosos espaços de interacção: os países do Atlântico Oriental (Portugal, Espanha, Marrocos, Mauritânia, Senegal, Cabo Verde), os do Mediterrâneo Ocidental... A Europa é também, e na verdade, um espaço complexo. Há a Europa "íntima", que nos colonizou no passado; há a Europa "funcional", à qual nos ligam relações puramente económicas; há a Europa "periférica", que se estende por fronteiras distantes, da Escandinávia à imensa Rússia. Imperturbável, a Europa, impressionante máquina integradora, prossegue a sua marcha. Uma integração que constitui para muitos observadores, e não apenas europeus, a resposta do Velho Continente à globalização.

Como seria lógico esperar, a dinâmica da sua estruturação interna tem prioridade sobre qualquer veleidade de abertura relativamente aos espaços envolventes, aos seus incontornáveis vizinhos. Pouco importa, no entanto, que isso possa ser visto como uma forma de exclusão. Afinal, a exclusão acaba por ser também uma modalidade específica de ligação que, ainda que de forma ínvia, reafirma a existência de laços permanentes com aqueles que se procura deixar de fora. Portanto, a Europa, como todos os processos inelutáveis de integração, acaba por nos arrastar no seu movimento, independentemente dos europeus, independentemente de nós.